

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Antes tarde do que nunca"

(Assim reagiu a presidenta Dilma após saber do afastamento de Eduardo Cunha ex-presidente da Câmara dos Deputados)

A presidenta, acuada, resiste



Lula, o "xis" da questão

► **Objetivo final da trama golpista, alijar o ex-presidente da eleição de 2018. O impeachment é apenas uma passagem do processo. Mas, se o alvejado for preso, a emenda poderá ser pior que o soneto**

IMPOSSÍVEL IMAGINAR que a presidenta escape da decisão premeditada da maioria oposicionista no Senado para impedi-la e, por ora, afastá-la da Presidência por até 180 dias. É um engano pensar, porém, nessa ausência como o princípio do fim de toda a manobra golpista. Para o ingresso de alterações do percurso, há portas além daquelas do Congresso.

Outras se abrem para recursos legais ou, quem sabe, para a reação da voz das ruas. De todo modo, Dilma Rousseff promete continuar. Tem dito e repetido: "Vou lutar para voltar ao governo".

Para afastá-la, o golpe de Estado desenrolado no Parlamento faz parte de um conjunto de medidas tramadas pela oposição juntamente com aliados distribuídos para muito além do próprio Congresso. Para tanto, a mídia nativa se oferece como o instrumento mais afiado.

Dilma, de qualquer forma, não é o objetivo primordial dos opositores. O ex-presidente Lula é o "xis" do golpe. Ele é o fator obsessivo da perturbação dos adversários, e eleito em 2018 detonaria a "ponte para o futuro" que os arquitetos do PMDB pretendem construir à sombra da traição de Michel Temer.

De volta à Presidência, Lula detonaria, obviamente, a tal ponte, ao

retornar à pauta de 12 anos de governos petistas, comprometidos com as necessidades dos cidadãos mais pobres. Nesse sentido, os programas sociais dispensam apresentação e comparação. Eles existem e a população os conhece. E, através deles, reconhece Lula.

Para tentar superar a estrondosa liderança popular de Lula, os golpistas não hesitam em rasgar a Constituição. Transitam até, sem o menor pudor, pela ilegalidade, como se deu largamente no caso dos grampos telefônicos, sem a mais pálida preocupação de verificar o que se relacionava com as investigações e com quanto nada tinha a ver com elas. Chegou-se a registrar e divulgar conversas entre a presidenta e o ex-presidente.

Sergio Moro, desatinado, apresentou desculpas ao STF. Mas não consta que o juiz em algum momento tenha se ruborizado. Ele mesmo autorizou a condução coercitiva de Lula para depor. Valeria para o ex-presidente ultrajado repetir trechos da Carta Testamento de Getúlio Vargas: "A mentira, a calúnia, as mais torpes invencionices foram geradas pela malignidade de rancorosos e gratuitos inimigos numa publicidade dirigida, sistemática e escandalosa".

Ao assumir a sua pré-candidatura à Presidência em 2018, Lula reagiu à perseguição golpista, movida inicialmente a ódio de classe, urdida contra um ex-operário metalúrgico. A partir desse momento, ele passou a viver sob a ameaça de prisão, por acusações desprovidas de prova.

Mesmo após dois anos de campanha martelante da mídia, desfechada com o transparente propósito de estigmatizá-lo de vez, o ex-presidente ainda é o candidato preferido do eleitor brasileiro.

Os adversários de Lula vivem um dilema. Se ele não for preso, disputará a eleição em 2018 e pode ter uma votação avassaladora. Mas pode ser pior se for preso. Criarão um mito.



Golpista pirado

O deputado Heráclito Fortes (PSB-PI), um dos veteranos políticos do Congresso, parece que ficou possuído pelo debate em torno do golpe e *impeachment*.

Na sessão da quarta-feira 4, sem argumentos para definir uma coisa da outra tropeçou no delírio:

“Se for golpe, é um golpe democrático”.

Golpe desse tipo é tão original como o “peru à brasileira”, uma contribuição à culinária internacional.

O patriota

Em debate na Comissão do *Impeachment*, o senador tucano Aloysio Nunes Ferreira atacou o governo por descuidar das necessidades materiais das Forças Armadas.

O propósito dele contorna dificuldades eventuais da crise econômica para realçar o passado das ações de Dilma contra a ditadura militar.

Ela não exhibe o passado político, mas não o expõe. Ele esconde.

Nunes Ferreira foi um

inibido militante da luta armada e hoje aponta a arma para os ex-companheiros.

A decisão do então presidente FHC, tomada em 1988, de assinar por pressão dos EUA o tratado de não proliferação de armas nucleares entregou permanentemente a segurança do País.

Obscenidade

Em meados de 1960, a Corte Suprema dos Estados Unidos ainda debatia a questão do que seria ou não seria obsceno no mundo das artes.

O juiz Stewart, com dificuldade para definir que bicho era aquele, utilizou-se de uma saída pela aparência.

“Eu reconheço quando a vejo”, justificou.

A insistência em negar o caráter golpista do *impeachment* proposto contra Dilma é também visível a olho nu.

É obsceno, garantiria o juiz.

“Filósofo” da reação

Denis Rosenfield, um dos gurus da direita, é um novo assessor de Michel Temer.

Apresentamos o defensor do “golpe democrático”

Aconselhou o vice, ambicioso para chegar à Presidência, que convide o general Sergio Etchegoyen para cuidar da área de Inteligência.

Rosenfield, identificado como filósofo, e Etchegoyen, neto de general, são gaúchos.

O general, chefe do Estado-Maior do Exército, foi o primeiro oficial a reagir ao relatório da Comissão da Verdade.

Vaivém

Wadih Damous, ex-presidente da OAB-RJ, despediu-se recentemente da Câmara dos Deputados, após um desempenho vigoroso nos embates do golpe contra Dilma.

Damous foi, mas já vai voltar.

Ocupará o lugar da deputada Benedita da Silva, em licença para cuidar da saúde.

Degustação

As revoluções devoram seus líderes.

Nos trópicos, sem revoluções, os golpes os engolem.

É o caso do senador Aécio Neves e do deputado Eduardo Cunha.

Ambos, envolvidos em trampolinagens da Operação Lava Jato, não têm mas futuro.

Sobre a oposição

Do espanhol Juan Linz (1926-2013), da Universidade de Yale (EUA), citado pelo professor Geraldo Prado (UFRJ), em depoimento na Comissão de *Impeachment* no Senado: “O que garante a estabilidade democrática dos governos é a lealdade da oposição à Constituição”.

mauriciodias@cartacapital.com.br